Carta sobre a Fortuna

Meu amigo e senhor, agradeço a v. m. o desejo que me mostra, de que eu tenha maior fortuna. Não se preocupe tanto a meu favor, porque a fortuna, que tenho é a mesma que devo ter. O merecimento é o que faz a fortuna, e quem o não tem, que fortuna há de esperar? Falo sinceramente, e sem hipocrisia. No tempo que já passou por mim, tive esperanças, agora nem essas tenho, e isto por que conheço melhor, sei o que falo e o que mereço; por isso sei que não devo esperar nada; esperem os outros e vivam no tormento de esperar.

Eu, hoje, só tenho por fortuna o não esperar a fortuna. Contento-me com a privação da desgraça sem aspirar a presença da ventura; e acho que o não ser desgraçado é o mesmo, que ser venturoso. E, se entre uma e outra coisa, há um estado neutro, contento-me com o meu estado, ainda que propenda para a desgraça; contanto que não seja desgraça inteiramente, a sombra da ventura me basta. A realidade, não sei se me bastaria, porque o nosso coração é insaciável, e daquilo, a que uma vez tomou o gosto, nunca se farta. Daqui vem, que se conservar na ignorância da ventura é discreta providencia, porque ninguém chora por um bem que não conhece. A saudade supõe um objeto conhecido. Aquele que é ignorado apenas se apetece. Quem conhece a fortuna, por vê-la em outrem, tem pouca razão para adorá-la. E é o mesmo que conhecer o mundo no mapa em que está pintado; ou também, é como quem olha para o Sol sem admiração, e apenas com o reparo inadvertido e vago. O mar, por mais que encrespe as suas ondas, não serve a quem o vê como espetáculo admirável. Então admiramos o túmido elemento mais pela raridade, que pela elevação.

O subir mais alto não é muito natural; o estar no mesmo ser é seguir a ordem do universo. Os que sobem, é porque têm no merecimento as asas. Os que não sobem, é porque a falta de merecimento igual lhes serve de peso que os abate. Porém devemos consolar-nos, advertindo que não ter merecimento não é pecado nosso. E que culpa temos nós de que a natureza

tenha sido tão avara: parece que há um limo perfeito e outro tosco; e que foi deste que nós nascemos, e daquele nasceram os venturosos. As aves não são todas águias. Umas altamente se remontam, outras só sabem passar de um raminho para outro. Umas desaparecem na imensa região do ar, outras sempre se deixam ver no espaço limitado de um prado humilde. As que têm maior alento sobem à mais alta esfera; as que têm menos vigor voam pesadas e rasteiras.

Eu já perdi de vista os lugares eminentes. Os meus olhos só se inclinam para baixo, e para cima não se podem dirigir sem violência. Tudo quanto vejo é com olhos desenganados. Talvez, por isso, veja as coisas como são e não como se mostram. Porque o desengano tem virtude e força para arrancar da formosura o véu cadente e mentiroso, de que o teatro da vida se compõe. A fortuna não é tão bela como parece, e creio que o cálice da fortuna não é muitas vezes menos amargo que o da desgraça. Também a fortuna tem seu cálice e suas amarguras, e essas talvez sejam mais penosas de se tragar. Porque na desgraça o costume de sentir tira a parte mais cruel do sentimento. Ao menos a desgraça não engana. E tem de bom ser um mal que não se finge; ela é verdadeira e se aparece tal qual é. A fortuna sempre se disfarça semelhante à beleza enganadora, que, para ser mais apetecida, reveste-se de ornatos lisonjeiros e aparentes. Quem duvida que a beleza que se enfeita, ou se cobre de artifícios é para encobrir alguma fealdade natural.

Conheço a fortuna sem que a fortuna me conheça. Quando a vejo, é de tão longe que é impossível que ela chegue a mim ou eu a ela. Somos ambos inacessíveis. É verdade, que eu não a busco, nem nunca a busquei ansiosamente. Porque sempre entendi como um sujeito menos próprio a ser favorecido.Além disso, a fortuna quer que a busquem com fé e, audaciosamente, ela se enamora da resolução constante

com que a buscam. Timidamente, ninguém a encontra: ela só se entrega ao valor e foge à cobardia; quer que a rendam por força e não por suplicação, semelhante a uma mulher livre, que, ainda que se entregue por vontade, quer que pareça ter-se entregado forçadamente.

E, com efeito, sem rogar, nada se alcança. Eu não sei pedir o que sei que não mereço. Sou religioso nesta parte, e com engano não quero nada, nem mesmo a fortuna. Ela não me pode tirar o conhecimento próprio de que a não mereço, e aquele conhecimento servir-me-ia de flagelo, não de ventura, porque preferiria antes escolher a desgraça – sabendo merecer fortuna – do que a fortuna, sabendo merecer desgraça. Quero as coisas mais justamente, que felizmente; porque toda consciência parece se afligir com a ventura desmerecida, e mais satisfeita por merecer do que por alcançar. A verdadeira felicidade deve ser interior, e o contentamento não é puro quando vem de uma falsa causa. A coroa da vitória só desvanece ao que triunfou, e não ao que simplesmente a põe na cabeça. Porque a fortuna errada mais injuria do que enobrece. O prêmio não o torna ilustre, o merecê-lo sim, e o conseguir por graça da fortuna, não costuma atrair um peito honrado. Esse só se paga do que consegue por graça da virtude. Assim, se aceito o que não me devem, nisso sou já castigado; porque o coração me insinua sempre, que a ação de receber foi indigna e torpe.

Todos acusam fortuna de injustiça, porém a injustiça está só em quem a acusa. Mas nem o mesmo merecimento tem direitos para a acusar, porque a fortuna de sua natureza só a liberalidade, ou a falta de liberalidade, nunca se pôs em acusação: tudo quanto a fortuna distribui é por favor e – no que vem de um princípio de favor – não se dá positiva obrigação; salvo se a nossa presunção é tal, que entendamos seriamente, que a fortuna nos deve algum tributo, e quem o entender assim, nisso mesmo mostra ser indigno da fortuna, e que esta

lhe não deve nada; porque o querer merecimento próprio, é confissão ou prova de desmerecimento; a incredulidade nega que parte é perdoável; a credulidade é viciosa; a falência é um vício quase universal, e a fortuna comumente despreza todos os Narcisos; quer que a busquem animosamente, mas não presunçosamente, com diligência, não negligentemente, ou com desdém; por isso há poucos venturosos; porque poucos há que saibam o medo com que a fortuna se procura, e em saber aquele modo, consiste o meio; ou o segredo de a achar uns seguem o caminho da lisonja, outros o da importunidade, alguns o das armas, e outros o das letras; alguns sem modo certo, nem, meio determinado seguem o caminho de procurarem a fortuna por aquele meio, e modo, que a mesma fortuna lhes descobre, *Sol tibi igna dabit.*

Eu que não sou lisonjeiro, nem importuno, e não sou erudito, nem guerreiro, que caminho posso ter para a ventura, sem guia, sem norte, e sem luz que me conduza, mal poderei achar aquela Deusa escondida e inconstante; ao primeiro passo me retiro, e desconfio antes de empreender, porque julgo imprudente ação: o querer eu uma fortuna, que me não quer; quem navega sem estrela, tem por certo o naufragar, e quem só dá passos errantes, que fortuna pode ter; a fortuna não é cega como dizem; ela vê a quem escolhe, e mostra que vê bem, porque escolhe bem, os que não são dos escolhidos, crêem ser cegueira da fortuna, o que é só cegueira sua; julgam ser usurpação a fortuna, que a outros se comunica. Que injusto pensamento; a fortuna não se vende, ela mesma é, que se dá, e para dar-se a si tem livre o seu arbítrio, e assim não devemos murmurar da ventura alheia; mas sim da nossa desventura, devemos conformar-nos, magoar-nos não; porque a mágoa é queixa, e virtude é a conformidade. Quem se magoa reprova o que a fortuna fez; quem se conforma aprova o que ela faz, entre um, e outro extremo, o melhor partido é, aquele, que

a fortuna quer, não aquele, que nós queremos; porque nós, enganamo-nos a nós mesmos; e a fortuna não se engana a si, ela sabe para donde vai, e de donde vem; nós conjeturamos, e ela acerta; caminhe a nossa embarcação para donde o vento a leva, não para donde o vento a encontra, deixemos à fortuna o governar o mundo, e para nós tomemos o governo de nós mesmos, porque só a fortuna sabe navegar em alto mar, e nós apenas navegamos nas limitadas ondas de um fundo limitado, a esfera da fortuna é dilatada, e a nossa é mui pequena, e mal se vê, e assim que podemos esperar de nós; esperemos tudo da fortuna, ainda que seja da fortuna alheia, porque desta sempre pode vir-nos algum bem; a fortuna é como a luz, que se espalha abundantemente, e aclara os espaços mais remotos; recebamos a luz ainda que seja alheia, e que o centro dela esteja de nós tão afastado quanto vai do Sol à terra; devemos entender, que há fortuna tal, que estando em um sujeito, é como se estivesse em todos, porque a todos se estende seu influxo; e assim, se a comodidade é nossa, devemos estimar que o trabalho seja de outrem, que importa, que esteja de nós tão apartado esse assento etéreo, em que giram os orbes luminosos, se a nós se comunicam as delícias de um astro favorável, frutífero, e benigno. Com o tempo, perdi o amor, a vaidade, e esperança, estou pois sem esperança, sem vaidade, e sem amor. Estes eram os fortes laços, que me prendiam; já se quebraram, agora não sei verdadeiramente o que me prende; um resto de vida da belíssima prisão, e de pouca duração, por isso vivendo retirado não sigo as bandeiras da fortuna, e já lhe disse a Deus: milito nos campos do desengano, campos solitários, ou menos freqüentados; porém mais seguros, neles considero a fábrica inocente de uma rosa inculta, de um lírio triste, de uma açucena virginal; estes são os meus objetos, os meus cuidados, e os meus empenhos são os mestres, que me ensinam fielmente, mestres mudos, mas severos, a bem

considerá-los, a rosa me insinua, que a formosura é como sombra leve e passageira, o lírio na sua cor me diz, que toda a alegria se converte em luto; a açucena indica, que se a virtude é permanente, que lições podem haver mais verdadeiras, fáceis de aprender, difíceis de observar; a mocidade louca só gosta de loucas instruções, e zomba galantemente das que são menos galantes; mas que pouco dura o enredo que diverte, e quão depressa chega a tragédia, em que o mesmo enredo acaba!

Assim nada espero da fortuna, nem a fortuna de mim pode esperar nada; porque o meu talento foi discursivo sempre, operativo nunca; e a fortuna quer obras, e não palavras, quer quem pratique mais, e especule menos, porque toda a especulação por si mesma é vã; a teórica toda é substancial; esta compõe-se de uma sólida matéria, aquela de acidentes invisíveis; é como a voz sonora, que o ar a forma, e a dissipa, e que tem o seu fim, na mesma causa de que nasce o seu princípio; alguns há, que o que discorrem, obram; eu debuxo, e não sei pintar o que eu mesmo debuxei; sei delinear, executar não, e sempre na execução até me perco, semelhante ao Náutico imperito, que sabendo a Carta, e sabendo os rumos, em largando as velas logo se perde; de que serve pois a Arte, que se na imaginação se mostra, e fora dela se desvanece? Muitos sabem idear; praticar, poucos. De que serve também uma idéia concertada a quem ignora o como se deve usar desta? É o mesmo que instrumento delicado na mão, que ignora o meio de o tocar; o esgrimir de pouco vale, a quem não sabe pelejar deveras; mestre foge muitas vezes, e não se fia na destreza, que insinua; eu sou o fugitivo esgrimidor; o Músico ignorante, o Náutico imperito. Tudo sei para dizer, mas para fazer só sei, que não sei nada; as minhas artes todas são em pensamento, e por isso são justamente desgraçadas, porque a fortuna não pode fazer milagres, e que pode fazer de uma matéria, que não se move, e que sendo inteligente, é sem

ação, inútil inteligência. Semelhante à arvore frondosa, que produzindo flores, não sabe produzir frutos.

E nesta forma não posso queixar-me da fortuna; antes reconheço com legítima razão, que o favor, que a mim me nega é porque o deu justamente a outros; o seu ofício é laurear o merecimento, e não fazê-lo. Serve para ornar o merecimento feito, não para o fazer de novo; não há pois iniqüidade na fortuna; ao menos eu; e para mim só justiça lhe conheço, já do berço trazemos conosco a nossa sorte, e parece, que em nós mesmos a fabricamos, sendo artífices da desgraça, e da fortuna. Deixemos pois a fortuna em paz; e eu sou o primeiro, que só acuso a minha incapacidade, ou a minha inércia, esta foi unicamente o arquiteto de estado de sonolência, em que me acho, e naquela se fundou o ser em que estou de não ser alguma coisa, mas com tudo sou o mesmo, que sempre fui, não mudei para mal, nem para bem, e neste artigo estou como vim ao mundo, só com a diferença dos anos, que têm passado; deles o estrago sempre foi universal, e se passaram por mim, também, por todos tem passado; todos somos companheiros naquele gênero visível da desgraça, e desgraça, que vai crescendo, diminuindo, nunca; caminhamos igualmente com o mesmo passo, e sem poder por modo algum retroceder; somos comilões diferentes na data, mas os mesmos no exercício.

E assim chegou o tempo, em que o mais acertado é pendurar as armas, não como armas vencedoras, mas sim como despojos infelizes de uma já cansada guerra, eu qual inválido soldado larguei o apresto militar, não voluntariamente, mas por não poder suportar-lhe o peso, apenas posso suportar o vivo esqueleto, em que confino; deixei os vícios do amor, da vaidade, e da esperança; porque eles primeiro me deixaram; e amigos infiéis esquecidos do meu passado obséquio, foram meus no tempo alegre, e já me desampararam neste tempo triste, lembrados da minha inaptidão presente,

injusta recompensa de uma tirana sociedade, quem dissera e que havia de achar o amor ingrato, a vaidade sem o vigor, e a esperança desanimada; se estes vícios me deixaram, sendo meus, ou sendo uma grande parte de mim mesmo, como pode a fortuna não deixar-me, não havendo sido minha; aqueles nascerão comigo, e comigo se criaram, provindos da minha natureza, e consubstanciais a mim; e ainda sendo assim já se apartaram; a fortuna, porém, sempre foi parte diversa, nunca unida, mas sempre separada, sem comércio meu, e sem chegar a mim, nem ainda passageiramente, e nesta situação mal pode a fortuna ter lembrança, de quem nunca se lembrou, e de quem nunca viu; e se agora me chegasse a ver seria mais por cegueira sua, que por fortuna minha, seria mostrar, que foi injusta, buscando-me cansado, quem vigoroso não me quis.

E, com efeito, tem menos estimação a fortuna, que vem tarde, porque vem como aparato funeral, e na imagem de uma honra antecipada traz consigo a de ser a última; infeliz fortuna, ou ventura desgraçada, pois que quando chega, acha sem alento os braços, que a recebem, acha os olhos já com pouca luz, e o coração palpitando, frio, e lentamente que glória adquire a fortuna errante, em buscar um corpo tímido, em que a morte está fazendo os feris ensaios; melhor é deixá-lo na tranqüilidade escura do silêncio, do que assombrá-lo com a claridade inquieta de uma luz tumultuosa; por que a fortuna, que está cercada de resplendores aflige, e mortifica os olhos consumados a não verem; daqui vem, que a fortuna muitas vezes chega mais como castigo, do que como prêmio; algumas vezes há de ler a fortuna aborrecida, e certamente o é, quando vem tarde, ou ao tempo, que já se não espera, então já não é fortuna, é delírio da fortuna, e quem se acomoda a ela é por resignação, ou vontade de constância, não por vontade de inclinação; é mostrar constância no desejo, mas no acerto desvario, porque a fortuna quando chega tarde; é fortuna de compaixão, não de eleição, indica, que

foi solicitada, ou extorquida, e não merecida, concedida para contentar um corpo meio morto, e não para ilustrar um vivo; ou vem como fortuna de remédio, que se aplica ao enfermo, que o não tem, e que se dá por consolação, não por obrigação, por dispensa, e não por recompensa, e verdadeiramente de que vale uma fortuna, que quando chega é só para se despedir, e não para ficar, é que assiste como testemunha autorizada, que vem ver o fim da obra tem ter visto o seu princípio; de que serve uma ventura sonhada, pois não tem mais duração, que em quanto dura o sonho, inútil felicidade, pois é como a faísca, por instantes se está reduzindo a cinza; é felicidade imaginada, lograda não, ou ao menos mal lograda.

Bem sei, que tudo no mundo é transitório; porém entre as mesmas coisas, que vão passando, algumas passam mais depressa do que outras; em umas há tempo de se verem, em outras não, e estas ao mesmo tempo, que aparecem, desaparecem, a mesma vida é um verdadeiro trânsito, mas com certa, e determinada duração, compõem-se de um espaço incerto, e a mesma incerteza do léu espaço é o que a faz parecer durável, porque o fim, que se não vê, nem se conhece, julgamos, que está longe; nos primeiros períodos da vida a fortuna deve achar em nós sensibilidade para a desejar, e para a receber, porém no tempo da vida entrando a declinar, ou a inclinar para o seu fim, a nossa sensibilidade também declina, e já não apetecemos com ardor, nem sabemos desejar excessivamente: todas as nossas faculdades ainda mentais e em descanso, e vão perdendo a maior e melhor parte da sua primeira atividade, semelhante ao curvado arco, que insensivelmente perde a força que continha a corda dilatada; neste estado se a fortuna vem a nós é o mesmo que um espírito insensato, e vagabundo, que pretende animar o corpo de um cadáver, porque com efeito também há desejos cadaverosos, e estes são os que intumescem de esperar, e que ainda quando a fortuna os satisfaz, ficas como embaraçados,

sem ficarem satisfeitos à maneira daquele, a quem o raio tocou sem ofender, mas que sempre fica estupefato, e temeroso a qualquer ruido, ou estrondo leve.

Porém não há regra certa nos graus de desejo, e de esperança, porque alguns há, que esperam, e desejam com tão firme, e confiante veemência, que ainda quando estão morrendo, estão esperando, e desafiando, parece-lhes, que morrem, se não esperam, sustentam o desejo como prova de que vivem felizes; naturezas, que por aquele modo vão enganando o tempo, sem que o tempo os desengane; ao menos enchem de vida todo o tempo, que vão vivendo, porque não terão delta parte alguma, pelo modo de viver, e quem conserva as paixões humanas em quanto vive, parece, que vive mais, do que quem as larga muito antes de morrer; outros há, que não são tão desejosos, nem tão expectativos, por isso não resistem, e largam facilmente os afetos do desejo, e da esperança, a esta porque os aflige, e àquela porque os perturba; os impacientes nem sabem desejar, nem esperar pela fortuna; por isso raramente a acham; porque a fortuna sempre exige paciência, e este é muitas vezes o preço porque se vende, e o mais certo merecimento porque se dá, e com razão, porque a paciência, não só é virtude humana, mas favor celeste; ela vence mais sem fazer nada, do que outros muitos meios, fazendo muito; a sua inação tem mais poder, do que a ação daqueles meios, que parecem ser mais poderosos, e é um remédio universal, que aproveita para tudo sem a nada fazer mal, só tem de menos boa a paciência o ser numa virtude humilde, e feita se para sofrer, maneira da peça de um engenho, de que todo o exercício consiste em andar rasteira, e abatida, porém, nisso mesmo consiste também o artifício: porque, a máquina do engenho não se move enquanto a pela humilde a não faz mover. A paciência, ou o sofrimento supõe desprezo e este sempre é duro; sendo que não há desprezo, que moleste, quando a paciência é grande, e o sofrimento humilde muralha

impenetrável aos ataques do desprezo. Alem disto não há cousa, que cause nojo, a quem tem a fortuna por objeto; porque a fortuna sempre foi considerada como a bela dama, de quem os mais ásperos rigores são favores declarados, e por eles deve passar o amante, que pretende ser bem-sucedido

Contudo eu nunca me enamorei tão cegamente da fortuna, por isso nunca a tive, nem espero ter: sempre olhei para a fortuna como para umas tantas coisas, que sendo admiráveis por si mesmas, admiram-se por costume, e também por costume já se não admiram; fazemos caso delas por opinião, e mais pelo caso, que vemos, que os outros fazem, que por aquele, que nós mesmos quereríamos fazer; estimamo-las pela estimação dos outros.

Não pela nossa; e nisto seguimos o exemplo seguido, o respeito é um dos atributos da fortuna, e talvez, que seja o principal, porque a for uma se deseja tanto; mas quanto a mim achara eu, que aquele atributo importuno, e vão mais mortifica, do que lisonjeia, porque as mais das vezes o respeito é como a moeda, que aceitando-se por boa, intrínseca, e verdadeiramente é falsa, ou também como os rogos, que te fazem no perigo da tormenta, o retrato do milagre costuma ser a primeira de todas as promessas; porém passada a tormenta, e o perigo, já não lembra o milagre, nem o seu retrato: o respeito, que a fortuna tem é respeito de interesse, não de amor; e é como obrigação violenta, não livre; ou como vontade involuntária, não arbitrária; que pouco vale um respeito semelhante, e que pouca estimação merece! Um tal respeito dirige-se ao lugar, não à pessoa; à fortuna, e não ao afortunado: é obséquio injurioso, e caviloso, pois que com fingido subscrito caminha indiretamente é um ataque falso, que se faz em uma parte, para em outra se fazer o verdadeiro; o incenso, que não é puro, mais escandaliza, do que agrada, porque tendo se de incenso o fumo, não tem a suavidade, falta-lhe a fragrância, que deleita, e sobra-lhe a exalação, que ofende.

De nada são os homens tão avaros, que de um respeito sincero, e verdadeiro, e de nada são mais liberais, que de um respeito simulado, e dependente; o formulário de um e outro respeito é o mesmo, um bem é a mesma cerimônia, ou ritual aparente, e manifesto de cada um deles; porém não é a mesma a intenção, ou dedicação, de quem se mostra respeitoso, porque a verdade se está no interior, e o engano no frontispício; a devoção não está no joelho, que se dobra, mas no coração, que se não vê dobrar; a genuflexão só serve de sinal, e todo o sinal ostenta em matéria suposta, que pede ser, ou não ser, afim como se supõem; mas que importa, a fortuna costuma ser tão pouco melindrosa, que daqueles sinais se paga, e com eles se contenta por mais, que os reconheça suspeitosos; conhece a adulação sofisticada do respeito, mas nem por isso o despreza, porque é como mercadoria, que se aceita com todas as avarias, ou como fazenda de contrabando, que não tem proibição para usar-se desta, a fortuna tem aquela urbanidade; recebe sem exame o que lhe dão, e basta-lhe, que o respeito tenha a figura disso; ainda que não tenha nada mais, basta-lhe, que a estátua tenha a forma racional, ainda que em si não seja mais do que um mármore polido, se bem, que ha muitas coisas, em que a substância esteja nos 'acidentes, e a existência na mesma falta de existir.

Eu não quisera um respeito semelhante porque amo a verdade em tudo aquilo em que a verdade se dispensa; nenhum fingimento pode agradar-me nunca, nem tive arte para fingir; mostro me como sou, e que ainda os meus mesmos pensamentos se estão deixando ver pela interposta, e mal cerrada cortina do meu semblante, por isso tudo quanto digo é o mesmo, que tudo quanto penso; de sorte, que para mim não reservo nada, como se em muito não houvesse parte que não fosse parte exterior, visível, e conhecida, propendo para uma estupidez no excesso da verdade, e tudo o que não é excessivamente verdadeiro, faz-me repugnância natural, como alguma cousa que fizesse arrepiar-

me; causando-me cócegas insuportáveis, e assim sou vicioso no excesso da verdade, assim como outros o são no excesso da mentira; isto não é, nem nunca foi virtude. É temperamento porque a verdade opera em mim como por um mal necessário, por compleição, e não por consciência, por gênio, e não por escrúpulo, e, com efeito, amo a verdade, porque o meu conceito me representa mais bela, do que tudo quanto há, e mais apetecível do que tudo quanto se apetece; talvez que haja algum achaque, que faça um sujeito verdadeiro, assim como pode haver também, para fazê-lo mentiroso, se o é, ficarei crendo, que sou verdadeiro por achaque; alguma enfermidade, que havia de haver, que sendo útil em si mesma, o mal se estaria em falar dela: não sei se a verdade pode vir por desordem da natureza, o que sei sem paradoxo é, que há temperamentos verdadeiros, e outros mentirosos; nestes a mentira não é tão culpável, naqueles a verdade não é tão louvável, porque tudo o que se faz por índole nativa é menos estimável do que aquilo que se faz unicamente por virtude, e esta parece, que recebe o seu lustre mais pomposo da oposição, quem encontra, e vence; porque donde não há próprio vencimento, também não há virtude própria, e a vistoria sem combate se mostra a fraqueza do vencido, não a fortaleza do vencedor.

Daqui vem, que nenhum respeito dos que a fortuna comumente concilia, acharia em mim grande agasalho, se em mim se achasse, que tudo havia parecer-me um laço sutil, e lisonjeiro, fabricado para prender a minha simplicidade, e captar a minha benevolência; e nesta desconfiança talvez menos bem fundada seria eu como a ave cautelosa e tímida, que sempre está de sentinela contra as incidiárias artes do caçador astuto e vigilante; e afilai naquele mesmo caso e suposição o pretendente, que me respeitasse menus, seria a quem eu atendesse mais, o cortesão rasgado, e consumado da ciência dos políticos agrados, e versado na prática de respeitos estudados, menos

propício me acharia, do que o rústico, grosseiro, e imbecil; deste a imbecilidade verdadeira havia de preocupar-me mais do que o outro; o ar dobrado profundamente reverente, e cheio de festejo; de sorte, que para mim seria necessário tomar diverso expediente, e seguir método diverso.

A minha atenção sempre se volta para a verdade, como se esta fosse um instrumento, que tivesse força necessária para voltar-me; porque a verdade me move como se fosse um artifício natural, verme, e quando a busco é com amorosa indagação, e se consigo achá-la, fico com o mesmo contentamento daquele que achou o amor perdido; e nesta forma todos os respeitos que a fortuna dá não são capazes de atrair o meu desejo, porque se a mim se dirigissem, eu os creria fabulosos, assim como os creio verdadeiros, quando a outrem. se dirigem; e em qualquer estado, que a fortuna me pusesse, nunca poderia persuadir-me, que com razão merecia algum respeito verdadeiro; e todo aquele, que a mim se encaminhasse, eu o julgaria respeito mercenário, e por isso mesmo sem valor; antes quero a verdade, que me magoa, do que aquela, que me lisonjeia, para esta tenho incredulidade, e entendo ser composta de lisonja; da outra faço mais conceito, porque tudo, o que escandaliza, cura.

Na situação particular em que me acho, se alguém me busca, entendo firmemente, que não é por amor de mim, mas por causa de alguma coisa minha; logo confedero, e digo, que me quererá, ou que interesse lhe ensinou a minha porta, e o meu nome; nesta consideração remeto a visita para a dependência, que é a quem se fez; e eu ou não estou em casa, ou estou doente: por este modo faço-me invisível, de forte, que quem me puser a vista há de ter habilidade; e se alguém tem comigo algum negócio, deve ler o trabalho de se explicar por letra; porque de cara a cara não é fácil, salvo se topar comigo de improviso; e neste caso, quem o paga é quem deixou a porta aberta, ou a vidraça por fechar; por este modo

me livro de comprimentos aborrecíveis, de amizades perigosas, de novelistas mentirosos, e de importunos maldizentes. Bem vejo, que seguindo este modo de viver, estou no mundo sem saber do mundo nada; porém isso mesmo é o que eu quero, e tão regularmente, que nem quero saber o que tenho para jantar, se não depois da mesa posta; a minha curiosidade se tem por objeto a natureza, o mundo não esse cuidado toca a quem o fez, ou o governa, a mim me compete o ver o meu termômetro para saber se faz mais, ou menos frio, que no dia antecedente; costumava eu ter as Gazetas de Londres, e Amsterdão, porém já me desfiz disso, porque achei ser fatuidade o querer saber notícias daqueles, que não querem saber de mim; e afilai já me não importam as façanhas de El Rei de Prússia; estas devem importar ao seu Panegerista, não a mim, que lhe não hei de escrever a vida. O saber sucessos militares, pertence privativamente à gente deste ofício, porque a eles toca a arte de desbastar os homens, como a mim pede tocar-me a arte de desbastar as couves no canteiro da minha horta. Agora pasmo de mim mesmo quando considero, que sem necessidade alguma, assentei praça de Engenheiro voluntário no último sítio de Gibraltar, de donde tirei as indeléveis certidões, que ainda conservo autenticadas em forma de cicatrizante; durou pouco o sítio, por isso fiquei eu durando; há umas ciências, em que a melhor ciência é não fazer nada dessas, deste gênero sábias ciências, para quem não é militar; atualmente devo à saudosíssima memória do Senhor Rei Dom João o V. o querer servisse da minha pouca inteligência, mandando-me passar Patente de Tenente Coronel do Regimento do Cais, cuja graça não teve efeito porque a paz sobreveio felizmente, antes que começasse a guerra; hoje já não posso sustentar na mão a espada, e o mais, que posso fazer é o sustentar-me a mim; lembra-me o que disse Ouvídio: *Torpe miles fenex, trtrpe fenilis amor.*

E nesta forma não há para mim mais mundo, do que a casa em que habito, e as minhas quatro paredes são para mim as quatro partes do mundo conhecido, vivo como no ermo, porque vivo se os meus livros me acompanham fielmente; só deles me não aparto; eles foram os meus mestres, e o estão sendo ainda, porém para que aprendo eu, se o tempo me está dizendo que tenho pouco tempo para aprender, e menos para gozar ! Bem sei que a minha idade não é muito adiantada, porém eu quero adiantar o desengano, para que não seja a idade o que por força me desengane; sempre gostei muito da cantiga quando disse, quero deixar o mundo antes que o mundo me deixe, quero antecipar-me já, para não estranhar depois que me costumar, porque a lição não se estuda na mesma hora, em que se dá; quem começa a sentir com antecedência, sente menos quando chega a ocasião do sentimento; este quando está cansado fica a modo de dormente, e sem atividade para atormentar, ou ao menos atormenta menos, porque não só na paciência se faz calo, mas também na dor; o mal, que se padece por vontade não aflige tanto, e fica sendo mal, que não assusta, porque o mal habituado, passa em natureza, e perde muita parte do eu. Rigor e aspereza, daqui vem, que o familiarizar com qualquer fatalidade é segredo certo para a fazer menos fatal é como a fera domesticada, em que se encontra já menos fereza: o instrumento usado é mais fácil, e mais leve de mover; aquele, que ainda é novo não trabalha sem resistência; e assim as incomodidades, que a velhice traz consigo, eu as tiro aplicando em mim, e desta sorte quando vierem, já acham feita a obra, que vêm fazer; encontram-se consigo mesmas, e o mais que hão de fazer é deixar-me no estado em que me acharam; poderão acrescentar alguma coisa mais; porém tudo não, e ainda para o mesmo acrescentamento já me vou armando e preparando; estou-me exercitando em peleja fingida para entrar mais dentro na peleja verdadeira;

isto vem a se repercutir o dano pelo mesmo dano premeditado; enfraquecer o assalto pelo mesmo assalto prevenido; e adormecer o mal, pelo mesmo mal despertado antes.

Sendo aquela a minha filosofia, bem se deixa ver, que a fortuna para mim já não é matéria de importância; só cuido em ir vivendo mansamente, e sem ruído, como quem vai escorregando lentamente, e não como quem vai andando atrevidamente; os meus passos não vão para diante; o mais; que espero deles é; que se sustenham no lugar, em que se acham; não tenho mais objeto, que a mim mesmo; e a mim mesmo como sou, e não como poderia ser; porque não sendo nada, ainda poderia ser menos do que sou: em tudo a diminuição é mais fácil, do que o aumento, porque tudo diminui naturalmente, e cresce com mais dificuldade, e com efeito não vejo coisa alguma, em que haja de crescer; ainda vejo alguma coisa, em que diminui. Pela bondade de Deus, tenho saúde, e tenho um decente patrimônio para viver decentemente; em cada um destes pontos principais, pode suceder notável decadência, crescimento não, e assim contento-me com a minha situação vulgar, e julgo-me feliz, em conservar-me nela; como aquele, que se crê ditoso quando o assalto da podegra não é forte, porque o padecer menos é fortuna respectivamente a quem padece mais, nem podemos negar absolutamente, que também há fortuna nos grãos de padecer.

Não duvido, que se uma fortuna mais brilhante me buscasse, eu a recebesse alegremente, mas não sem sobressalto pelo desacostume, e talvez, que entendesse ser como visita da saúde quando busca o eu ferino, que está para espirar; se bem, que não receio, que a fortuna possa acabar-me, porque vivo tão escondido, que até me escondo de mim mesmo, e se fortuitamente alguém me vê é na figura de quem seja, e não de quem aparece; semelhante à corça temerosa, que até da sua sombra vai fugindo; isto vem, de que já me não agrada o comércio comum dos homens; não aceito na sociedade aquele

gosto, que os poucos anos me inspiravam; e ainda, que não estou no meio da velhice, com tudo já tenho entrado em seus limites, passei a fronteira da mocidade, e de tudo a perdi de vista; neste estado a fortuna não tem graça, porque já nos acha sem verdura; a folha seca, sempre é triste, e por si mesma se desfaz. A fortuna, que vem cedo, parece, que vem unir-se a nós, e fazer conosco um mesmo corpo; a que vem mais tarde, fica sendo cousa estranha, separável e distinta; é adorno superficial, empreitado por pouco tempo.

Muitos ânimos há que têm valor, para esperarem muito; a mim qualquer cousa me desmaia, e custa-me mais o esperar pela fortuna, do que, o não esperar por ela; porém eu, em que hei de fundar as minhas esperanças, que tenho eu para animar-me; e se tenho alguma é porque conheço que nenhuma tenho; e por isso qualquer fortuna, que eu tivesse, seria fortuna de piedade, não de justiça, seria fortuna de esmola; para tudo sou inútil, ainda para a mesma inutilidade, sombrio, sem melancolia, e taciturno por natureza; este é o meu retrato; é parecido, e verdadeiro, porque é feito pelo mesmo original; e assim, que fortuna há de ser esta, que em mim pede assentar bem, salvo se for alguma fortuna sem tino, ou desvairada, porém fortuna bem ajuizada não. A fortuna não quer quem desconfia, e eu sempre fui desconfiado, mas sempre assim fui por humildade, por orgulho nunca: presumido nunca fui, porque nunca achei em mim fundamento justo para a minha presunção, para o meu abatimento sim; só tenho de bom, se é que isso é bom, o ser facilmente acostumável, como se fosse matéria disposta para o bem, e para o mal; este não me desespera, aquele acha em mim conformidade; não me entorpeça a pena grande, nem o grande bem me transporta; os meus sentidos sempre guardam o uniforme, e estão indiferentes, assim para o desgosto, corno para a felicidade; considero que estes dois extremos foram feitos igualmente para o homem; daqui resulta, que amo a

vida sem amor, e sem ódio aborreço a morte; porque sei que uma e outra coisa serão feitas para mim, e para todos; uma não é mais natural, do que a outra é. Âmbas se hão de verificar infalivelmente; a dúvida não está no sucesso, mas na hora, em que há de suceder.

De que serve, pois, a fortuna humana de fazer a vida excessivamente amável? Oh, que infausto amor, e que infausta felicidade! Pois toda me leva e arrebata para um bem, que há de deixar-me; e a quem eu também hei de deixar; não é melhor ser desgraçado, do que feliz, com aquela condição de que serve uma ventura tão veloz, em que nem um instante só tenho certeza de a ter segura; e em que quando a abro, apertadamente, e com mais fineza, ela então me desampara, deixando iludidos os meus braços, e enganados os meus olhos.

Quem há, que não conheça, que é delírio sem desculpa o fazer estimação de uma sombra errante. Fugitiva, de um hálito, que no ar se forma, e no ar desaparece; de uma luz sempre tremula, e sempre vacilante, de uma exalação inconstante, e vaga? E se vim ao mundo, para ser precisamente louco, seja de uma loucura minha, e não de todas; direi para mostrar-me delirante, que as ondas do mar nunca se movem, que posso esconder no seio um fogo ardente, e que sei suspender do amor o ardor violento. Não quero, pois, buscar a fortuna humana, e fiz bem de a não haver buscado; quero estar livre para acabar com liberdade; não quero que as delícias da vida me sirvam para aumentar as amarguras da morte; esta quando chegar há de achar-me pronto sem ter fortuna de que me despedir; não hei de olhar para a ventura com os olhos de saudade, porque não tenho ventura, de que me aparte, nem felicidade de que apartar-me, me enterneça; as lágrimas não hão de ser pelo que deixo; antes hei de rir-me do pouco que tenho para deixar. Não hei de ter pena de que a minha fortuna acabe; basta, que a tenha de acabar eu. Hei de imaginar e ver, que

lá tem fim a minha vida, mas não hei de sentir que tenham fim as fortunas minhas; estas não hão de estimular a minha dor, nem agravar o meu sentimento. A morte não há de tirar de mim senão a vida, a pompa, o fausto, e a grandeza; não há de tirar-me porque nada disso tenho; são alfaias usadas para outros, para mim nem novas são, e por fim não hei de ter a mágoa, de que a morte as despedace, nem faça com elas o lúgubre aparato do seu triunfo; a parda roupa, que me cobre, a barraca humilde que me alberga, o campo verde que me alimenta, o bosque solitário que me diverte; estes hão de ser os únicos despojos de que a morte há de privar-me; despojos pobres, e que só servem para injúria da vitória; ou outros, que merecerem os obséquios da fortuna hão de ver as exéquias dessa mesma fortuna merecida; e ainda cercados daqueles resplendores, de que a fortuna se reveste; e ainda rodeados do luzido enleio, de que a ventura se acompanha, hão de ver, que por instantes a luz se apaga, se extingue, se desvaneçe, e em um labirinto de conceitos diferentes hão de sentir menos o golpe, que há de acabar a vida, do que aquele, que há de ferir descarregado na fortuna; então corrido o véu do desengano, este há de mostrar em um momento, que a fortuna não é mais, do que um encanto enganador, um sonho mentiroso, uma aparência vaidosa. Eu, porém, a quem a morte há de achar sem aquelas circunstâncias, não tenho nada que deixar, nem tenho cousa alguma em que me seja custoso o desapego; antes na morte hei de ganhar, o que na vida estou perdendo, porque das razões, que tenho para temer a morte há de vir resgatar-me, por isso hei de largar sem susto a ciência e o teatro.

Por esta forma tenho respondido ao que vossa majestade me insinua da fortuna; já vão o caso que falo dela e a razão que tenho para o não fazer. Fico à obediência de Vossa Majestade. Que Deus guarde muitos anos.

Amigo e menor criado de vossa majestade Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

Todas as palavras que se acharem nesta Carta em que venham os nomes de fortuna ventura, e outras algumas, que pareçam contrárias ao uso, cerimônias e costumes da nossa Santa Religião, não postas aqui com outro fim, mais do que por ornato de eloqüência e para fazer uma frase mais levantada; e em nada quer o autor que se tornem como verdadeiras divindades no errado sentido em que as tomais e costumam usar delas os *Fatalistas,* mas sim conforme ao uso de uma Teologia; que tudo submete como verdadeiro católico às determinações da Santa Madre Igreja.